

Orquestra Gulbenkian

Mariano Chiacchiarini
Slow Mob



26 set 25

26 set 25 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Mariano Chiacchiarini Maestro

SlowMob

Igor C Silva Eletrónica e Sintetizadores

Mané Fernandes Guitarra

Zé Almeida Contrabaixo

Diogo Alexandre Bateria e Eletrónica

Igor C Silva

Sōma

para quarteto de improvisadores,
orquestra e eletrónica *

c. 35 min.

INTERVALO

John Adams

Short Ride in a Fast Machine

c. 5 min.

Leonard Bernstein

Symphonic Dances from West Side Story

c. 24 min.

1. *Prologue*
2. *Somewhere*
3. *Scherzo*
4. *Mambo*
5. *Cha-Cha*
6. *Meeting Scene*
7. *“Cool”, Fugue*
8. *Rumble*
9. *Finale*

* Primeira audição em Portugal.
Encomenda da European Concert Hall
Organisation (ECHO), financiada pela
Ernst von Siemens Music Foundation.

Igor C Silva

(Porto, 1989)

Sõma, para quarteto de improvisadores, orquestra e eletrónica

COMPOSIÇÃO 2024

ESTREIA Colónia, 21 de setembro de 2025

DURAÇÃO c. 35 min.

Sõma é uma reflexão entre tempo e percepção corporal. Ao mesmo tempo, é um projeto que tem como objetivo criar um espaço de performance e improvisação num contexto sinfónico, aliando-se à tecnologia. Quarteto, orquestra e maestro têm um importante papel criativo e improvisatório, criando uma coexistência entre música escrita e improvisada, na qual a música acontece em tempo real e os diferentes caminhos e narrativas são uma soma da liberdade performativa destas três entidades. (Igor C Silva)

Igor C Silva é compositor e performer multimédia, com especial foco na criação de projetos multissensoriais. Intérpretes e tecnologia partilham o espaço performativo e imaginário. Trabalha frequentemente com ensembles e orquestras, recebendo regularmente encomendas de agrupamentos e festivais internacionais. Colabora também com solistas e grupos de jazz, dedicando parte da sua atividade à improvisação eletroacústica e multimédia. Foi jovem compositor em residência na Casa da Música (2012), compositor em residência nos Miso Music Studios (2015) e compositor em residência no Drumming GP (2018). A sua obra *Plastic Air*, para duo flexível,

eletrónica e vídeo/luz, foi distinguida no 65th International Rostrum of Composers, na Hungria (2018). Recebeu também o 1.º prémio no I Concurso Internacional de Composição Eletroacústica e Intermedia “eviMus” na Alemanha (2018), com a peça *Numb*. Entre os projetos mais recentes, destaca-se a nova ópera multimédia *Follow*, escrita para Stephanie Pan e o Ensemble Klang (Países Baixos, 2021), com texto de Aaron Landsman; a obra *Wrong Index*, para big band e eletrónica, composta para a Orquestra de Jazz de Matosinhos (2023); e a instalação/performance multimédia-imersiva *All Limits*, criada para o ensemble United Instruments of Lucilin (Luxemburgo, 2022). A sua música é regularmente apresentada internacionalmente por diversos ensembles e orquestras, em vários festivais, salas de concerto e diferentes contextos artísticos. Igor C Silva estudou composição na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE) e completou o mestrado em Live-Electronics no Conservatório de Amesterdão. É atualmente doutorando na VUB (Universidade de Bruxelas) e no Conservatório Real de Bruxelas, onde é também professor do curso de Music Technology.

John Adams

(Worcester, Massachusetts, 1947)

Short Ride in a Fast Machine

COMPOSIÇÃO 1986

ESTREIA Mansfield, Massachusetts, 13 de junho de 1986

DURAÇÃO c. 5 min.

John Adams é uma das vozes mais relevantes da música contemporânea americana. A peça *Short Ride in a Fast Machine* foi composta em 1986, após uma encomenda da Orquestra Sinfônica de Pittsburgh, então dirigida por Michael Tilson Thomas, para o Festival de Great Woods. Este foi um dos primeiros grandes triunfos do compositor, sendo ainda hoje uma das suas obras mais frequentemente interpretadas a nível internacional. A encomenda do maestro solicitava algo próximo de uma fanfarra, uma vez que se destinava ao concerto de abertura do festival. Adams resolveu apresentar uma evocação da experiência excitante e arrepiante, vivenciada pelo próprio, de um passeio noturno a alta velocidade num carro desportivo. Com o intuito de captar e transmitir essa mistura de entusiasmo e terror despertada pela alta velocidade, o compositor criou uma música vertiginosa, de um movimento rápido e irreversível. A peça abre com os três padrões rítmicos enunciados em simultâneo pela percussão, madeiras e metais, numa conjugação que contribui para gerar, logo à partida, essa atmosfera enérgica e excitante, que contagia

o ouvinte. Nos quase cinco minutos seguintes, os motivos rítmicos e melódicos concisos e repetitivos, que gradualmente se vão transformando, entrelaçam-se implacavelmente numa textura bastante intrincada, a qual se torna cada vez mais densa com as sucessivas entradas de novos instrumentos. Trata-se de uma obra exuberante e de uma escrita brilhante para orquestra sinfônica, plena de subtilezas e complexidades apesar da sua conceção aparentemente simples, que contém várias marcas distintivas do minimalismo como sejam a repetição incessante de motivos rítmicos e melódicos, a marcação constante da pulsação e a linguagem harmónica que coloca a sua ênfase sobretudo na consonância. Mas apesar dessa proximidade com o estilo definido em música por Steve Reich, Terry Riley e Philip Glass, alguns autores sugerem que, devido ao facto de em alguns aspetos tentar ir para além deles (por exemplo, ao nível da orquestra e da linguagem harmónica), esta obra tem antes afinidades com um estilo pós-minimalista.

LUÍS M. SANTOS

Leonard Bernstein

(Lawrence, Massachusetts, 1918 – Nova Iorque, 1990)

Symphonic Dances from West Side Story

COMPOSIÇÃO 1960

ESTREIA Nova Iorque, 13 de fevereiro de 1961

DURAÇÃO c. 24 min.

Inspirado em *Romeu e Julieta* de Shakespeare, o musical *West Side Story* conta-nos uma história de amor e de rivalidade entre dois gangues, que decorre em meados da década de 1950 em Upper West Side, um bairro de Manhattan (Nova Iorque). Produzido originalmente para a Broadway, em 1957, foi preciso esperar pela primeira adaptação ao cinema, em 1961, para que *West Side Story* alcançasse êxito à escala mundial. O filme acabaria por arrebatar 10 dos 11 *Oscars* para os quais havia sido nomeado e o álbum da banda sonora esteve durante um ano no topo de vendas nos EUA.

Tal como na ópera, a qualidade de uma narrativa contada de forma musical depende naturalmente da sua música. É neste capítulo que entra Leonard Bernstein, compositor norte-americano que viria a ser um dos nomes maiores da história da música. Compositor, maestro, pianista e pedagogo, o percurso de “Lenny”, como era tratado entre amigos, é notável nos mais variados registos, deixando um legado que perdura na história. Foi igualmente um homem de causas e muitíssimo interventivo na sociedade, o que o levou a ser figura próxima de alguns presidentes americanos, em especial do presidente John F. Kennedy, com quem manteve uma ligação de grande cumplicidade.

Enquanto compositor, Bernstein já havia deixado marcas no âmbito do teatro musical, com a composição de *On the Town*, *Wonderful Town* e da opereta ao estilo de musical, *Candide*. Em *West Side Story*, Bernstein aliou a sua sensibilidade rítmica latina e jazzística à sua imaginação lírica, criando uma partitura verdadeiramente urbana e onde a linguagem do blues entra como pano de fundo para as cenas de comédia. Se esta é a sua obra mais interpretada e a mais reconhecida pelo grande público, em parte deve-se às *Danças Sinfónicas* que surgem em 1960 e que resultam de uma tentativa bem-sucedida do compositor em adaptar e compilar numa suite orquestral os principais temas do musical, permitindo assim que a música de *West Side Story* ecoe frequentemente nas salas de concerto de todo o mundo. A atualidade desta obra é tanto maior quanto uma América que ainda hoje se confronta com a capacidade de integrar os contrastes de uma população de tantas origens geográficas e culturais. Não terá sido por mero acaso que o realizador Steven Spielberg decidiu fazer uma segunda adaptação ao cinema que chegou até nós em 2021, desta vez com a particularidade de a música de Bernstein ter sido gravada pelo maestro Gustavo Dudamel.

ÉLIO ANES LEAL

Mariano Chiacchiarini

De ascendência italiana, Mariano Chiacchiarini nasceu em 1982, em Buenos Aires. Realizou estudos superiores na Universidade Católica Argentina e na Hochschule für Musik und Tanz, em Colônia, tendo obtido o grau de Mestre com distinção. Aos 25 anos de idade, recebeu no Teatro Colón de Buenos Aires o 1.º prêmio do Concurso de Direção J. Martini, o que impulsionou a sua carreira internacional. É membro do Conselho Alemão da Música e, em 2025, recebeu o prêmio de “Maestro do Ano” da Associação de Críticos Musicais, em Buenos Aires. Recebeu também o 1.º prêmio no Concurso de Direção E. Rivera, em Espanha, e foi finalista no Concours Chef Résident Orchestre National de Lyon, em 2012.

Desde o início da sua carreira, acumulou uma vasta experiência, trabalhando com muitas das principais orquestras a nível internacional. É um convidado regular de importantes palcos, incluindo o Festival de Lucerna, o Festival de Schleswig-Holstein, o Young Euro Classic, a Accademia Chigiana, o Acht Brücken (Colônia), o Festival de Donaueschingen, a Elbphilharmonie de Hamburgo, o Konzerthaus de Berlim, o Teatro dei Rozzi de Siena, a Ópera da Bastilha, a Philharmonie de Colônia, o Parnassos de Atenas ou o Tonhalle de Zurique. Ao longo de 12 anos, foi Diretor Musical da Trier University e, desde 2009, Maestro do Ensemble Garage. De 2011 a 2016, foi Diretor Musical da Orchester’91, em Hamburgo. É um dos principais maestros convidados da Sinfónica Nacional Argentina. A suas colaborações com a Orquestra da Academia do Festival de Lucerna iniciaram-se em 2013. Em 2022 foi nomeado Universitätsmusikdirektor na Cidade de Bremen. Destaca-se ainda um foco especial na música contemporânea e a direção de várias estreias. Em 2011 dirigiu a ópera *Sonntag aus Licht*, de Stockhausen, para a Ópera de Colônia.

SlowMob

SlowMob questiona os papéis tradicionais e reimagina a improvisação em grupo, abraçando formas fluidas, interações espontâneas e a criação de narrativas composicionais através de uma ligação expressiva em tempo real, em coexistência com a tecnologia. Emergindo do projeto de Igor C Silva, *Sōma*, o quarteto – com Igor C Silva (eletrónica / sintetizadores), Mané Fernandes (guitarra), Zé Almeida (contrabaixo) e Diogo Alexandre (bateria / eletrónica) – move-se por um terreno criativo onde a improvisação, a tecnologia e a composição colidem. Com um forte compromisso com a exploração sonora, SlowMob dá prioridade à fusão de instrumentos acústicos e eletrónica ao vivo como tela para a sua linguagem expressiva. Enquanto o projeto *Sōma* continua em digressão, SlowMob apresenta-se regularmente como quarteto e está atualmente a preparar a gravação do seu álbum de estreia.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian.

Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos CONCERTINO

Maria Balbi ^{1º SOLISTA}

Pedro Pacheco

Alla Javoronkova

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria José Laginha

Otto da Casa de Pereira

Catarina Ferreira

Catarina Resende

Margarida Queirós

Félix Duarte

Luciana Cruz*

João Castro*

Flávia Marques*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda ^{1º SOLISTA}

Zachary Spontak ^{1º SOLISTA}

Piotr Rachwał ^{1º SOLISTA}

Jorge Teixeira ^{2º SOLISTA}

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Paula Carneiro ^{1º SOLISTA*}

Ana Isabel Malheiro

Gonçalo Melo

Bernardo Barreira

Ricardo Vieira

Francisco Ferreira*

Eurico Cardoso*

Ana Sofia Faria*

César Nogueira*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Joana Silva

Micaela Miranda

Sandra Raposo*

Dinis Campos*

Márcia Furtado*

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA

Emeraude Bellier 1º SOLISTA

Martin Henneken 2º SOLISTA

Raquel Reis

Jeremy Lake

Leonor Moniz

Filip Szkopek*

Pedro Massarrão*

Catarina Távora*

Bernardo Nabais*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 2º SOLISTA

Marine Triolet

Luís Ferreira

André Filipe*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Natália Monteiro 2º SOLISTA*

Mafalda Carvalho 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José María Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

Samuel Marques 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

Hugo Silva 2º SOLISTA*

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Dário Ribeiro 1º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Jorge Pereira 2º SOLISTA*

João Moreira 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Tomás Rosa 2º SOLISTA*

André Castro 2º SOLISTA*

Marco Fernandes 2º SOLISTA*

PIANO / CELESTA

Inês Mesquita 1º SOLISTA*

HARPA

Beatriz Cortesão 1º SOLISTA*

SAXOFONE

José Massarrão 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

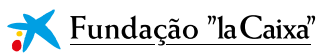
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

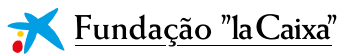
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICAS DO MUNDO



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

